

# humanitas



Vol. LXIII  
2011

A publicação deste livro, que surge na sequência da dissertação de mestrado apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra pelo autor, dá continuidade à «Colecção Autores Gregos e Latinos – Série Textos», editada pelo Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos, estando disponível integralmente, em versão digital, na biblioteca Classica Digitalia (<https://bdigital.sib.uc.pt/classicadigitalia>).

É, pois, com bastante agrado que saudamos a publicação deste livro (em versão dupla: impressa e digital), o qual nos desafia a reflectir sobre as razões profundas que fazem com que a Comédia Latina, neste caso *O Truculento*, volvidos mais de dois mil anos desde a sua criação, continue a ter o condão de fazer rir o leitor (ou espectador) dos nossos dias.

ANTÓNIO ANDRADE

PLUTARCO, *Vidas de Alcibíades e Coriolano*. Tradução do grego, introdução e notas de Maria do Céu Fialho e Nuno Simões Rodrigues. Coimbra, CECH – *Classica Digitalia*, 2010.

O 16º volume da *Colecção de Autores Gregos e Latinos – Série Textos* oferece ao público de língua portuguesa mais uma tradução das *Vidas* de Plutarco, no caso presente, as de *Alcibíades e Coriolano*, da responsabilidade, respectivamente, de Maria do Céu Fialho, da Universidade de Coimbra, e Nuno Simões Rodrigues, da Universidade de Lisboa, ambos investigadores do Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos (CECH) da Faculdade de Letras de Coimbra. O volume abre com uma Introdução Geral, a cargo de Nuno Simões Rodrigues, a que se segue a tradução das *Vidas*, cada uma delas precedida de uma Introdução, e da *Synkrisis* final, da autoria de Maria do Céu Fialho.

A Introdução Geral delinea, em traços breves, as razões que terão levado Plutarco a colocar em paralelo as biografias de Alcibíades e Coriolano. Se os contextos históricos em que cada uma destas figuras viveu são muito distintos, não se verificando também, entre os traços de carácter de ambas, sobretudo no que diz respeito às virtudes morais, semelhanças muito flagrantes, elas podem aproximar-se quer pelas consequências nefastas que as suas acções tiveram nas respectivas pátrias, quer pelo facto de, no percurso de ambas, ser marcante o problema da educação, um dos vectores fundamentais da narrativa de Plutarco. Com efeito, na selecção e

apresentação dos dados acerca dos biografados, o autor parece primordialmente preocupado em mostrar tudo aquilo que contribuiu para a configuração do *ethos* das suas personagens, não apenas as qualidades e os defeitos inatos, mas também os agentes externos que o condicionaram, mormente a educação ou a falta dela. A questão é expressamente colocada, como observa Nuno Simões Rodrigues, nas considerações iniciais da *Vida de Coriolano* que “constituem uma espécie de resposta ao itinerário de juventude de Alcibíades” (p. 8). Na perspectiva de Plutarco, Coriolano é exemplo de que os desvios morais do jovem ateniense não podem ser justificados pela orfandade, pois, apesar de também aquele ser órfão de pai, foi capaz de desenvolver virtudes, como a *sophrosyne* e o desprendimento das riquezas, e de se distinguir entre os seus contemporâneos. Porém, e ao contrário de Alcibíades, faltou-lhe a educação. Como diz o biógrafo, *este mesmo homem deu testemunho dos que acreditam que a natureza, ainda que nobre e boa, se for desprovida de educação, produz muitas coisas boas, mas também más, tal como acontece na agricultura, quando um terreno fértil é deixado ao abandono e sem cuidados* (Cor. 1. 3).

Paradoxalmente, Alcibíades, usufruindo da melhor educação e tendo mesmo como mestre o próprio Sócrates, profundamente empenhado em fazer vingar as qualidades inatas do seu discípulo, não logrou alcançar aquela felicidade e virtude que Sócrates atribuía a uma vida orientada pela filosofia. É a este paradoxo que a biografia de Plutarco parece querer dar resposta, sem nunca o fazer de forma directa, mas por via da ênfase dada a determinados aspectos do carácter de Alcibíades – bons e maus – e à força – positiva e negativa – dos agentes que, de fora, lhe foram acentuando os contornos. É, pois, na perspectiva daquilo a que poderíamos chamar uma luta entre o bem e o mal, que se vai desenhando e esclarecendo o percurso existencial do político ateniense. Na sua Introdução a esta *Vida*, Maria do Céu Fialho parte justamente da observação de que, tal como em algumas outras *Vitae*, na de Alcibíades se destaca uma “tensão agonística entre valores naturais, que se deixam adivinhar nas potencialidades que o seu carácter parece revelar à partida, e estímulos externos ou contingências que, muitas vezes, põem à prova e se sobrepõem a essa natureza promissora” (p. 13). Alcibíades, porém, não possui apenas qualidades inatas, mas também vícios, e os estímulos externos não foram somente negativos, como o magistério de Sócrates demonstra bem. No entanto, é o lado negativo do seu carácter que, potenciado pelas contingências externas e por uma *tyche* excessivamente favorável, prevalece sobre tudo o que de

bom nele seria possível. Maria do Céu Fialho vai acompanhando o desenrolar desta *Vida*, preocupando-se em assinalar essa tensão de que Plutarco reveste a sua personagem e que em alguns aspectos parece adquirir contornos trágicos. O poder da *tyche* excepcional compara-o a autora ao que se manifesta na tragédia esquiliana (p. 21). Com efeito, na excepcionalidade da sua *tyche* parece residir a causa da sua perdição. Afirma Plutarco: *não há outro homem a quem a fortuna tenha envolvido e rodeado de um tal conspecto de atributos, para o tornar invulnerável à filosofia e insensível à sua linguagem franca e mordaz* (Alc. 4. 2). Os atributos físicos e todas as aptidões de Alcibíades são, pois, paradoxalmente e tragicamente tratados como uma espécie de peso insustentável que lhe dificulta uma vida orientada de acordo com os princípios de bem que a filosofia aponta e propõe.

A curva da vida de Alcibíades acompanha a do destino da sua cidade, destino funesto para o qual ele mesmo contribuiu. Por isso, a autora afirma oportunamente: “A sua existência agitada e instável é imagem da própria pólis ateniense do tempo da sua maturidade, envolvida na Guerra do Peloponeso, onde se jogaram interesses, alianças, sedições e traições que levaram Atenas da hegemonia à queda e perda da democracia de que tanto se orgulhava” (p.14).

Algo de trágico rodeia também a personagem de Coriolano, tal como Plutarco a desenhou. Segundo Nuno Simões Rodrigues, o biógrafo “retrata Coriolano com os matizes de um carácter trágico-patético, latente na essência da personagem, que acabarão por proporcionar a Shakespeare a matéria-prima para uma das suas obras fundamentais” (p. 103).

Depois de fazer uma breve resenha do tratamento literário desta personagem por Cícero, Tito Lívio e Dionísio de Halicarnasso, o autor mostra que Plutarco, embora inspirado sobretudo na narrativa deste último, se distingue de todas essas visões anteriores pelo “mérito de reconhecer tanto as características positivas como as negativas de Coriolano”, num processo de humanização da personagem típico da sua composição de figuras modelares. Diga-se, de passagem, que este entendimento do humano, nas suas virtudes e vícios, não anda igualmente longe da mundividência da tragédia do séc. V a.C., que Plutarco conhecia bem, e cujos heróis não são de todo exemplos de comportamento irrepreensível. E aí reside a complexidade das figuras trágicas que muitas vezes parecem inspirar o biógrafo. Sem estabelecerem uma relação de influência tão directa, algumas afirmações muito oportunas de Nuno Simões Rodrigues

apontam para a possibilidade desta relação com a tragédia grega, como quando considera o “herói / anti-herói plutarquiano, cheio de contradições e dilemas, não tanto um agente da História quanto uma personagem moral e actuante” (p.105). Todavia, a influência do teatro reconhece-a o tradutor na construção de algumas cenas, nomeadamente, na da intervenção de Volúmnia junto do filho, analisada com algum detalhe (p. 110). Mas se a encenação de alguns episódios e a configuração do *ethos* trágico de Coriolano apontam para as semelhanças com o mundo do teatro, não menos visíveis são as marcas da influência do desenho épico de Aquiles sobre esta personagem (bem como o de Ulisses sobre Alcibíades). A aproximação à tradição literária grega, em dois dos seus géneros mais marcantes – a epopeia e a tragédia – é uma das leituras mais profícuas destas *Vidas*, que Nuno Simões Rodrigues aproveita e explora, por forma a ilustrar como essa perspectiva dialógica, intertextual, enriquece a recepção da obra. E, ao mesmo tempo, levanta interessantes questões aos estudiosos de Plutarco e, em geral, dos historiógrafos antigos: “Até que ponto são as informações disponibilizadas pelos historiadores antigos matéria *de facto* ou matéria ficcional, importada das tradições literárias de modo a enriquecer os campos áridos da História?”

Registe-se a qualidade destas introduções, que ajudam a situar o leitor nas respectivas épocas, abrindo para as questões éticas essenciais levantadas nas *Vidas* e para os aspectos propriamente literários que as enformam. Por seu lado, ambas as traduções primam pelo rigor, fuidez e elegância, e manifestam uma louvável harmonização do estilo que torna imperceptível qualquer ruído que um trabalho feito a duas mãos pudesse eventualmente mostrar.

O volume é completado por uma bibliografia essencial e actualizada e, ainda, por um útil índice de nomes.

MARTA ISABEL DE OLIVEIRA VÁRZEAS

RAGUSA, Giuliana, *Lira, Mito e Erotismo: Afrodite na Poesia Mélica Grega*, Campinas, Editora da Unicamp, 2010, 661 p., ISBN: 978-85-268-0917-8.

Professora de Língua e Literatura Gregas na Universidade de São Paulo, Giuliana Ragusa é autora de estudos tão finos quanto profundos